



**Serapião, o Sabichão**

## **Índice**

- 1 - Moeda de Troça
- 2 - Será Pião?
- 3 - Velas, vê-las?
- 4 - A Camisola Misteriosa
- 5 - Tira-linhas
- 6 - Quente... quente...
- 7 - O Deslize
- 8 - Tudo por medida
- 9 - Ora vamos lá ver...

# 1

## Moeda de Troça

Como decerto estarão recordados, ao contar as aventuras e desventuras do Eng. Estultício, falei do seu filho com bastante frequência.

No entanto, e até há muito pouco tempo, não tive o prazer de o conhecer a não ser através das referências feitas pelo pai (naquelas conversas de café que eu mesmo provooco quando se aproxima a data de enviar a história mensal para a Revista).

Pois eu só sabia que o jovem se chamava Serapião, que tinha por alcunha "o sabichão", e que era portador de um senso de humor muito agudo do qual, com frequência, o pai era a vítima preferencial e - evidentemente! - involuntária. Como esquecerei a partida que o rapaz lhe pregou ao convencê-lo de que ISP queria dizer Industrial de Salsichas e Presuntos? E muitas outras de igual jaez e que, por falta de oportunidade e tempo, nunca referi?

Ora o certo é que, a pouco e pouco, comecei a ter uma curiosidade muito grande de conhecer esse rapaz, além de que já me sinto um pouco desactualizado e preciso de alguns "banhos de juventude".

Quero dizer: sendo eu escriba de uma Revista como esta, tenho a obrigação de estar minimamente informado acerca dessas coisas dos *chats*, das novidades dos jogos de computador, etc., etc. (embora, talvez devido à idade - que, de facto, não perdoa - sinta que já não tenho muita paciência para isso).

Pois a oportunidade apareceu com a festa da Passagem de Ano (e de Século, e de Milénio). Quer acreditem quer não, o melhor convite que arranjei veio do Estultício: «Apareça lá em casa, homem! O Batatinha e a mulher também vão, e sempre fica a conhecer a minha patroa, a minha sogra e o Serapião!».

E - vejam lá! - aceitei, e apareci, devidamente equipado com uma garrafa de champanhe que comprei *on-line* nessa manhã e ainda chegou a tempo.

Para ser sincero, a festa não estava a ter graça nenhuma, e eu só esperava que as badaladas não demorassem muito para me poder "desenfiar" dali para fora em busca de companhia mais agradável ou interessante.

E foi quando, já muito perto da meia-noite, eu estava a pensar nisso, que o Serapião me tocou no braço e, piscando olho, me puxou para um canto, segredando-me:

- O meu pai fala muito de si. Você farta-se de gozar à custa dele, não é verdade?

Fiquei embaraçado e sem saber o que dizer. Mas o rapaz, enquanto descascava displicentemente um pistacho, continuou:

- Veja se está com atenção à cara dos velhotes quando derem as badaladas...

Não percebi.

- As badaladas da meia-noite - explicou ele, rindo... - Eu armadilhei o relógio da sala para o pessoal ficar baralhado. Vai faltar a última.

De facto, os outros presentes, com as taças de espumante na mão, olhavam atentos para o enorme relógio de parede (cujas badaladas estavam nesse preciso momento a soar) e contavam em voz alta, alegremente e em coro: "Nove... dez... onze..."

- Onze... onze... ?! Então?! A porcaria do século passa ou não passa?! - resmungava a D. Elisa, a sogra do Estultício de quem já vos falei.

- Não se pode dizer que seja uma festa "muito badalada"... - comentou o Serapião, fungando de riso, e puxando-me novamente pelo braço, mas desta vez para o corredor.

- Deixe lá o novo século e venha ver uma coisa interessante que tenho no meu quarto para lhe mostrar.

Voltei a encher a taça para a levar comigo, meti uma mão-cheia de amendoins no bolso das calças, e lá fui atrás dele. Foi preciso subir umas íngremes escadas de madeira ao fundo do corredor, pois o quarto era no sótão, uma pequena maravilha que eu bem gostaria de ter tido na minha juventude! Mas, lá chegado, não notei nada de especial, além do que talvez já fosse de esperar: uma bicicleta com os pneus vazios, bolas para diversos desportos, um *skate* velho, desarrumação quanto-baste... Ah! E muita tralha de informática, como também era de prever:

Ecrãs, teclados, ratos, *modems*, fios e cabos por todo o lado, computadores esventrados... e um *poster* do Bill Gates transformado em alvo de um jogo de setinhas!

Depois de escorregar numa chave-de-parafusos e de bater com a cabeça numa parte mais baixa do tecto, passei a dar atenção ao que o meu novo amigo se preparava para fazer ou mostrar.

Alheio àquela confusão toda, onde parecia sentir-se perfeitamente confortável, repimpou-se frente a um poeirento monitor, fez-me sinal para eu me sentar em cima de uma caixa de um velho Macintosh, e avisou, ajeitando os óculos:

- Prepare-se para se rir um bocado!

Procurei concentrar-me. Mas a ligação à Internet (que era o que ele procurava fazer) estava difícil. Não via graça nenhuma nisso!

- Não se assuste! - avisou-me, logo de seguida, inclinando-se para uma caixa que, pelos vistos, continha "o cérebro" do computador que estava a uso.

Depois de dois ou três segundos de concentração verdadeiramente oriental, aplicou, com a biqueira do sapato, um certo golpe de *karaté* numa zona já bastante amolgada, voltou de imediato a sua atenção para o monitor, e anunciou, triunfante:

- Pronto, já estamos no ciberespaço!

Mas ainda resmungou, como se falasse sozinho:

- Estes fornecedores de Internet gratuita nem sempre são muito bons, mas o que eu uso até não é dos piores. Só é chato é o pontapé que de vez em quando tenho de dar na zona do *modem* interno. Farto-me de estragar sapatos.

Não comentei, para que o meu novo amigo pudesse dar largas à sua imaginação ou ir direito ao que me queria mostrar. Era nítido que ele tinha algum fim em vista ou, pelo menos, procurava na *Web* qualquer coisa muito concreta.

A certa altura, depois de mais uns momentos de concentração e de apelo à memória, os seus dedos voaram pelo teclado, digitando um incrível e inextricável endereço. Por fim, afinhou um resolutivo *enter*, recostou-se na cadeira e, metendo as mãos nos bolsos, anunciou:

- Já está a abrir, chefe. Foi tudo feito por mim.

Cheguei-me mais à frente e pude ver nascer, a pouco e pouco, uma imagem de qualquer coisa que a princípio não percebi o que era.

- Você não sabe que o meu pai é numismata? Ele nunca lhe contou que é maluquinho por moedas antigas?

De facto, e à parte o seu "amor às moedas" sob a forma de sovinice primária, não fazia ideia nenhuma desse *hobby* do Estultício! Vendo a minha cara, o Serapião sorriu e prosseguiu:

- Pois o meu pai diz que só levará a Internet a sério quando ela lhe servir para alguma coisa. Eu, então, tentei mostrar-lhe que podia dar largas à sua mania das moedas usando a *Web* e preparei-lhe esta página, que tem *links* para muitas outras de numismática. Autênticas maravilhas! Mas ele é casmurro, como você sabe, desdenhou do meu trabalho e, por isso, arranjei-lhe aqui uma coisa que estou a preparar para o Carnaval que vem aí...

Eu não via nada de estranho. Por isso limitei-me a redobrar a atenção e a ouvir:

- Acontece que lhe falta, na colecção, uma moeda quadrada muito rara. Essa moeda (que, ao contrário do que eu pensava, até existe), já a encomendei pela Internet, e está guardada aí nessa gaveta. Era para lha oferecer pelo Natal, mas resolvi esperar... Ele ainda vai sofrer um bocado, para não andar sempre a dizer mal da Internet! - Explicou o Serapião, rindo com gosto e descascando um dos amendoins que eu pusera em cima da mesa.

Depois, soprou as cascas que se iam infiltrando pelos interstícios do teclado e levou o cursor para junto de um texto que dizia: «MOEDAS - PESQUISA!!» e que ele tinha preparado. À direita havia várias hipóteses à escolha, sendo uma delas, em letras cintilantes e bem apelativas: «MOEDAS QUADRADAS!!!».

Em seguida, quando o nosso amigo activou essa última opção para me mostrar o resultado, pude ver a resposta com que o Estultício iria apanhar:

MOEDAS QUADRADAS?!!  
NÃO SEJA IDIOTA!  
SE EXISTISSEM, COMO É QUE PODERIAM... CIRCULAR?!

## 2 Será Pião?

No mês passado apresentei-vos o jovem Serapião, por alcunha "o sabichão", filho do Eng. Estultício.

O certo é que a convivência com este novo amigo é muito divertida, pois ele passa a vida a encontrar coisas interessantes na Internet quando não anda a inventar partidas para pregar ao pai.

E, assim, é com prazer que, de vez em quando, recebo e-mails dele a sugerir que nos encontremos por ter uma qualquer novidade para me mostrar.

Depois é sabido que, uma vez ligados à Internet, lá aparece algo de especial. Outras vezes, trata-se apenas de uma nova engenhoca que ele anda a fazer ou alguma coisa que comprou e que quer que eu veja.

- A mesada não é muito grande, mas é preciso ver o lado bom da coisa...

Da primeira vez que ele me disse essa frase fiquei espantado! Como é que podia haver "um lado bom" no facto de ter um pai sovina?! Na realidade, o Estultício nunca iria dar um tostão para coisas que tivessem a ver com aquilo a que ele chama "progresso exagerado", dado que o seu lema é: «Progresso, só o estritamente indispensável!»

- Não é grave - filosofou - Trato de ganhar o meu dinheiro usando a Internet.

Ora eu andava com alguma curiosidade em saber como é que o nosso jovem ganhava dinheiro com isso. Que ele era um bom *web-designer*, já eu tinha visto e confirmado. Vim a saber que ele também ganhava dinheiro a reparar computadores, a instalar redes, a limpar vírus, etc., etc.

Por isso, foi com espanto que eu soube que ele estava a lançar uma página na Internet para acompanhamento de turistas! Preparava-se para a invasão de espanhóis por alturas da Páscoa, o trabalho já estava muito adiantado, e a página foi colocada no ciberespaço com bastante antecedência.

Os motores de busca foram devidamente informados dessa sua actividade, o pessoal que frequentava os *chats* e os *newsgroups* também, e agora era só esperar que o peixe viesse à rede!

Mas havia um pormenor que me fazia confusão: como é que ele iria passear turistas se não tinha carro nem o pai lhe emprestava o dele?!

Vim então a saber que o Serapião esperava que os turistas já trouxessem automóvel e, como alternativa, contava dispor DO MEU!!

Esclareceu-me ainda, sorrindo, que não tinha carta, mas estava certo de que eu ia querer entrar para o negócio que ele antevia muito lucrativo!

«Não dizes mal» - pensei - «Já estou farto do emprego em que me sinto estiolar de dia para dia, e isso de passear turistas cai como sopa no mel!». Mas estava longe de pensar que, nessa mesma noite, receberíamos - após contacto por *e-mail*, evidentemente - o nosso primeiro cliente. Aliás, UMA cliente!

Tratava-se de uma tal Miss Riitta, simpática velhinha finlandesa com quem eu já me cruzara e que, embora tivesse carro, o havia deixado na sua terra, depois de ouvir horrorosas histórias acerca da forma como os portugueses conduzem. E foi assim que, já praticamente sócios, eu e o Serapião fomos ao seu encontro, num café da Baixa.

A boa senhora ajeitou o óculos, parecendo tentar recordar-se de onde é que me conheceria, mas rapidamente desviou as atenções para o meu carro que começou a observar com cuidado pois (está bom de ver) era nele que a operação turística iria ter lugar. E estava tudo muito bem se ela não tivesse tomado a iniciativa de se dirigir para a porta do lado do condutor e, abrindo-a, se sentasse resolutamente ao volante!

Nada dissemos. Limitei-me a ocupar o "lugar do morto" enquanto o Serapião se sentava no banco de trás, com um mapa na mão.

E, sem serem necessárias grandes explicações, a Miss Riitta lá pôs o carro a andar e, no seguimento do que lhe íamos indicando, encaminhou o carro para a estrada de Sintra.

Mas, à medida que ia avançando no trânsito pela Avenida da Liberdade acima, ela parecia ficar cada vez mais descontraída, aproximando-se rapidamente dos padrões lusitanos de condução...

A certa altura, quando eu, arrepiado, via o ponteiro aproximar-se de valores nunca dantes alcançados, ela tirou os olhos do asfalto e, olhando pelo retrovisor para o Serapião, sorriu e perguntou, num português muito esforçado e carregando nos "r":

- Você é Serapião com "i" ou Serapeão com "e"?

O nosso amigo lá lhe explicou que era com "i" enquanto eu aproveitava a deixa para lhe explicar a subtil diferença entre "peão - pessoa que anda" e "pião - coisa que roda".

Nesse momento exacto, uma pancada seca, uma guinada brusca e uma imprecação que aqui não se pode transcrever!

Apontando para o retrovisor, fleumaticamente e sem sequer abrandar, a Miss Riitta perguntou-nos:

- E aquilo que ficou a rebolar ali atrás? Chama-se "pião" ou "peão"?

### 3 Velas, vê-las?

Ultimamente, cheguei à conclusão de que uma parceria com o Serapião, o filho do Eng. Estultício, podia ser uma boa ideia...

... mas confesso que desta vez não estava à espera de o ver, sentado com o pai, na esplanada onde dantes eu encontrava o Grande Engenheiro, quase sempre apenas na companhia do fiel Batatinha.

O certo é que agora ali estávamos os quatro, mas o Serapião não parava quieto: ora abria a pasta que tinha ao colo, ora a fechava. Até que o pai, aborrecido, resmungou:

- Então?! Estás com bichos-carpinteiros, ou quê?!

Sem responder, o jovem acabou de tomar o sumo, pegou nas suas coisas um pouco agastado e levantou-se. Por fim, virando-se para mim, disse:

- Já sei qual vai ser o nosso próximo negócio. Só preciso de fazer mais algumas pesquisas mas estou a ver que aqui não há sossego.

E, dando as boas-tardes delicadamente, foi-se embora.

- Lá tenho eu de pagar a bebida do rapaz... - resmungou o pai - Esta juventude não sabe quanto o "cacau" custa a ganhar! Mas agora anda a fazer negócios com este nosso amigo - referia-se a mim, é claro - e pode ser que comece a dar valor ao dinheiro!

Dobrou cuidadosamente um guardanapo de papel usado, que guardou no bolso, e quis saber, zombeteiro:

- Então e como é que vai a vossa indústria de passear turistas?

Não lhe respondi, pois eu reparara que, ao longe, o Serapião se sentara na entrada de um prédio e tirava da pasta um portátil e um telemóvel.

A curiosidade foi grande. Levantei-me, despedi-me, e fui ao encontro do nosso jovem amigo que não se mostrou surpreso ao ver-me aproximar:

- Sente-se aí. Ando a apurar uma ideia de génio: um negócio de aluguer de velas de aniversário.

Explicou-me, então, que em todas as festas de anos as pessoas compram velas com algarismos para meter nos bolos, acendem-nas, e pouco depois, uma vez despachados os "parabéns-a-você", apagam-nas e deitam-nas fora ou perdem-nas.

Ora a ideia do Serapião era comprar velas com os dez algarismos e propor às pessoas que as alugassem em vez de as comprar. Segundo a pesquisa que, nos últimos tempos, andava a fazer na Internet, ele pensava que era possível montar um negócio fabuloso!

Para ser sincero, não me parecia que a ideia fosse muito boa, e não me estava a ver a entregar velinhas ao domicílio e a recolhê-las mais tarde, uma vez acabadas as festas. Nem me estava a imaginar a emitir facturas. E o IRS? Haveria "recibos-verdes" para a profissão de "alugador de velas"?

"Nã"... dessa vez a ideia não era grande coisa e, pela minha cara, o Serapião viu que o meu entusiasmo não era grande. Mas também não deu mostras de se preocupar com isso e continuou a teclar.

Espreitei-lhe por cima do ombro.

O nosso amigo acedia ao "site" do INE (onde procurava saber as idades das pessoas da zona da Grande Lisboa) e, através de um algoritmo que já tinha criado, obtinha o número e o tipo de velas a adquirir para iniciar o negócio.

Para não desanimar o rapaz, prontifiquei-me a emprestar-lhe o capital necessário. E,

entusiasmado por esse meu acto solidário, pediu-me que lhe guardasse as tralhas enquanto ia à loja da frente comprar o material!

Mais tarde vim a saber que tudo aquilo fora mais científico do que eu pensara, pois nem todos os algarismos têm a mesma probabilidade de ocorrência. Por exemplo: ele teve de comprar várias velas com os algarismos 1 e 2, enquanto apenas comprou duas ou três com os algarismos 8 e 9.

Achei graça ao aspecto matemático do problema, disse-lhe que ficasse com o troco («para investir») e fui para o meu emprego, que já se fazia tarde.

Ora eu confesso que esperava tudo menos que ele tivesse anunciado a sua actividade na Internet: quer na sua "*home-page*", quer nos "*chats*", quer nos "*newsgroups*", toda a gente "deste mundo e do outro" foi informada de que havia agora a possibilidade de alugar velas de aniversário!

Para ser sincero, tive muita pena quando, dias depois, o encontrei de novo e ele me disse, abatido, que o negócio não estava a correr bem.

Mas nessa altura apareceu o Estultício. Apercebendo-se do que estávamos a falar, riu-se e comentou:

- Que porcaria de gestor que este rapaz vai sair! Nem sequer se lembrou de que o pai faz anos hoje!

Ficámos abismados! Como fora possível essa falha?! O Estultício fazia 51 anos!!

- Vai então ser o nosso primeiro freguês, pai? - os olhos do Serapião estavam brilhantes de satisfação.

O Grande Engenheiro sorriu misteriosamente, meteu a mão ao bolso do colete e tirou de lá duas velas usadas: uma com um 5 e outra com um 1.

- Negativo, meu jovem! Estas são as que eu guardei quando fiz 15 anos.

## 4

### A Camisola Misteriosa

Um dia destes, ao encontrar o Serapião à porta da sua casa, ele convidou-me para entrar. Mas, em vez de usar a chave, tocou à campainha, o que, no entanto, fez de uma forma que não lembraria a ninguém:

Meteu previamente a mão ao bolso das calças, tirou de lá um papel que desdobrou com cuidado, e começou a consultá-lo à medida que ia premindo o botão!

- É código de Morse - esclareceu - Estou a praticar e a minha avó ajuda-me.

De facto, parecia uma coisa de loucos, e não esperava uma garotice daquelas, pelo menos da parte da D. Elisa que, pelos vistos, estava lá em cima a divertir-se.

Mas o mais espantoso é que o trinco também não foi aberto de uma vez só! Apesar de ser completamente desnecessário, a senhora accionou-o repetidamente, e seguindo também o mesmo processo!

Fazendo-me sinal para não o distrair, o Serapião, apurando o ouvido e tomando notas no tal papel, decifrou a mensagem:

«PODES SUBIR TEU PAI AINDA NAO CHEGOU»

Uma vez lá em cima, ninguém falou do caso. Limitámo-nos aos cumprimentos e em breve eu acompanhava o Serapião ao sótão onde tem o seu quarto das engenhocas.

- Então explica lá essa coisa do código de Morse em que, pelos vistos, estás tão empenhado!

Não me respondeu. Sentou-se em frente ao computador e ligou-se à Internet depois do habitual pontapé na zona do *modem* interno.

Enquanto isso, eu repimpava-me em cima de um velho Macintosh, ajeitava os óculos, e prestava atenção ao que se estava a preparar.

A breve trecho o Serapião consultava *sites* dedicados ao código que o obcecava. E não só: num outro computador ao lado, também ligado à Internet, participava num *chat* onde decorria uma discussão para se esclarecer se o símbolo "@" se poderia escrever com pontos e traços!

Por fim, fatigado, recostou-se na cadeira, pegou numa lata de refrigerante e em duas

palhinhas (uma das quais me deu) e, entre um gole e outro (que íamos alternando), começou então a explicar-se:

- O meu pai, como você sabe, é aquilo a que se chama um "inforfóbico". Já estive pior, mas o certo é que continua a resistir a coisas tão corriqueiras como a Internet.

Até aí, nada de novo. E o Serapião prosseguiu:

- Eu estou sempre a meter-me com ele. Se, apesar de tudo, está receptivo às tecnologias anteriores, porque é que não há-de regredir até aos *sinais de fumo*?

Achei graça, e mais ainda quando me contou a resposta que o pai lhe dera: «Não pode ser, por causa das campanhas anti-tabagistas».

Mas fora no seguimento dessa conversa tão disparatada que, meio a sério meio a brincar, o Estultício resolvera interessar-se pela telegrafia! E, entrando na brincadeira, o Serapião até recorrera à Internet para obter dados sobre essa tecnologia tão antiga. E a história em breve extravasara as paredes da casa:

O Estultício contara ao Batatinha, este comentara com a mulher... e em breve o nosso Grande Engenheiro era convidado de honra na festa anual de um grupo de patuscos rádio-telegrafistas reformados! E ele, sentindo-se muito honrado, lá fora, sorridente e no seu passinho saltitante.

- Apesar de não perceber nada do assunto, o certo é que o meu pai foi muito bem recebido e, no fim, até lhe venderam esta recordação, embora por um preço simbólico.

E continuou, mostrando-me aquilo a que se referia:

- Como vê, é uma camisola muito boa. E tem piada por ser toda decorada com pintinhas e risquinhos. Suspeito que é código de Morse, mas há muitos caracteres desconhecidos. No entanto, como os velhotes eram quase todos ex-militares, pode ser qualquer coisa codificada. Sabe-se lá se isto não é um texto a gozar com a pessoa que a veste?

E prosseguiu:

- Estou a tentar o algoritmo da famosa máquina ENIGMA com o qual talvez possa decifrar a coisa.

A história, em si, até era engraçada. Mas o trabalho (longo, e ainda por cima com resultados duvidosos) já não me interessava.

E estava eu já para me vir embora, quando o Serapião, dando um salto e entornando o conteúdo da lata nas minhas calças, gritou:

- Espere aí, chefe!

É que ele, maquinalmente, virara a camisola do avesso. O facto é que ela também podia ser vestida assim. No fundo, era como se fossem duas camisolas pelo preço de uma só, aspecto esse que deliciara o sovina do Estultício e, pelos vistos, o convencera a pagar meia-dúzia de escudos por ela.

Notei então que, depois de revirada, os tais caracteres continuavam visíveis, mas agora invertidos. O Serapião, recorrendo ao tal papel a que me referi no início, em breve gritava «Eureka!» e soletrava:

«AQUI VAI UM IDIOTA COM UMA CAMISOLA DO AVESSO»

## 5 Tira-linhas

Um dia destes recebi um telefonema do Serapião. Pedia-me que, quando eu pudesse (mas com alguma urgência), passasse por casa dele ou nos encontrássemos na minha (ou em qualquer outro lugar onde houvesse um computador).

Evidentemente que acedi, curioso, e até lhe pedi logo que me adiantasse qual o assunto da nossa futura conversa.

E vim a saber, para meu grande espanto, que queria falar comigo acerca das «realidades do mundo empresarial»!

Acontece que ele anda a estudar para engenheiro, e queixa-se de que a ligação da Universidade às empresas não é lá grande coisa. Isso nunca foi novidade para mim, e nem agora me preocuparia muito se não tivesse acontecido o que ele me passou a contar:

\*\*\*

A Tekno-Teknika, a retrógrada empresa do seu pai, ia ser alvo de uma auditoria, e os inspectores poderiam querer saber como é que estava a ser gasto o dinheiro para formação que o Fundo Social Europeu disponibilizava.

Ora o certo é que esse assunto nunca foi particularmente grato ao Grande Engenheiro, pelo que a formação, para aqueles lados, é pouca ou nenhuma e cada funcionário aprende o que pode e como pode.

Mas - e aqui é que estava o problema - o Estultício acenara ao filho com uma boa maquia em troca de ele lhe fazer um relatório (favorável, evidentemente!) sobre o assunto...

O rapaz, pouco à-vontade e sentido-se de certa forma «comprado», lá foi à empresa, falou com as pessoas, e tirou as conclusões que se adivinham quando se sabe que o lema da casa é «Progresso, só o estritamente indispensável!»...

\*\*\*

E foi assim que, depois de a avó Elisa me abrir a porta (e, sorridente, me mandar entrar), fui dar com o nosso amigo no sótão, sentado de costas para o computador, a trincar amendoins e a atirar setinhas para o tal alvo que tem a cara do Bill Gates. E - via-se-lhe no rosto - muito frustrado por não saber o que escrever.

Mas, de súbito, deu uma gargalhada, rodou sobre si mesmo, atacou furiosamente o teclado, deu uns estranhos comandos, e desatou a escrever copiosamente ignorando a minha presença que, afinal, ele mesmo solicitara!

Estranho... No entanto, como vi que ele estava inspirado, resolvi afastar-me discretamente, parecendo-me até que nem deu pela minha saída.

Só que, no dia seguinte, ligou-me para o telemóvel:

- Desculpe lá o que se passou ontem, mas já acabei o trabalho e precisava da sua opinião. Vou enviar-lho pela Internet. O ficheiro tem um pequeno truque, que lhe explico se prometer que não diz nada ao meu pai.

Não percebi a conversa, mas prometi, evidentemente! E, como até estava perto da casa dele, foi escusado enviar-me o *e-mail*: resolvi entrar, subir ao sótão, e ver logo tudo com ele de uma vez.

\*\*\*

Ora, aqui, vai ser preciso fazer um pequeno parêntesis:

Se alguém abrir uma folha de processamento de texto e começar a escrever... o texto aparece.

Mas, agora, imagine que o selecciona e muda a sua cor para branco.

Surpresa! O texto, que continua lá, ficou invisível!

E, evidentemente, pode-se mudar a cor para outra qualquer e o texto escondido aparece, nessa outra cor, como num passe de mágica. Já experimentei isso com pessoas ignorantes e o efeito tem um sabor a ilusionismo.

Pois foi a esse truque que o Serapião recorreu para conseguir escrever o texto que o pai lhe pediu. Fez o seguinte:

Começou por escrever maravilhas inventadas - e que lhe davam voltas ao estômago - sobre a inexistente formação na Tekno-Teknika.

Em seguida abriu, entre as linhas desse texto, outras tantas e, nessas, desatou a escrever o que de facto lhe ia na alma. Mas a branco!

Com um dos tais comandos que só ele sabia, era então possível passar de um texto para o outro e, com a ajuda de umas boas gargalhadas, compensar, nas *linhas pares*, o efeito nefasto dos disparates que fora forçado a escrever nas *linhas ímpares*!

Estava ele a acabar de me explicar a brincadeira, quando apareceu o Estultício, subindo as escadas pachorrentamente.

- Ora vivam! E tu, vê lá se escreves umas boas patacoadas, que o importante é que os idiotas se convençam de que o dinheiro está a ser bem aplicado!

O Serapião não respondeu logo. E ainda vim a saber uma coisa deliciosa:

O Grande Engenheiro alugara computadores para todos os funcionários, mas só para o dia da auditoria! E o Serapião deveria lá ir, de manhãzinha, ligá-los, fazendo com que exibissem páginas fictícias! Os empregados, coitados, entrariam no jogo, fingindo trabalhar!

Mas, como eu estava a contar, o Estultício aproximou-se do monitor e, deliciado, começou a ler o que o filho escrevera e estava visível.

- Muito bem, rapaz! Já fiquei a *par*, e acho que está um texto *ímpar*!

Achou muita graça ao trocadilho que ele próprio fez, mas nunca chegou a perceber o comentário do Serapião:

- Pois é, pai, acho que está bom. Especialmente para quem o souber ler... *nas entrelinhas*.

## 6

### Quente... quente...

Um dia destes recebi um "e-mail" do Serapião. Pedia-me que, quando eu pudesse, passasse por casa dele.

Aliás, reparo agora que o início desta crónica é quase igual à do mês passado, mas o facto é que foi mesmo assim que a coisa começou. E, quando dei por mim, estava envolvido numa história completamente louca e que nunca mais esquecerei.

Mas vamos por partes.

Quando recebo uma dessas mensagens, não tardo a aparecer em casa dele pois, se há coisa de que eu gosto, é visitar o sótão do meu novo amigo - recanto esse que teria feito as minhas delícias se tivesse tido um na minha juventude.

Ora, assim que lá cheguei, e logo depois de cumprimentar a avó Elisa como habitualmente, senti que tropeçava em qualquer coisa mole! Vi então que não se tratava de uma dobra do tapete da entrada (como ainda pensei) mas sim de um cão! Mais concretamente de um *salsicha*, pelos vistos aquisição recente lá de casa.

E, assim como passei por cima dele, vou também passar por cima do facto de o bicho se ter assustado e me mordido uma canela ("canela" virá de "cão"?!) e vamos então ao assunto:

Depois de subir ao sótão onde o nosso amigo me esperava, e quando já quase me esquecera da forma desagradável como fora recebido, fiquei surpreendido ao ver, num enorme monitor, um "site" de cães, exactamente da raça do novo inquilino. Era evidente que o Serapião se procurava informar, na Web, de assuntos relacionados com os *salsichas*, e pareceu-me até que estava na parte relativa às carraças, às pulgas e aos piolhos!

- Ser um especialista em "bugs" tem destas coisas - comentou ele, rindo, e fazendo-me sinal para que me sentasse na caixa de um velho Mac.

Depois, e como se tivesse esquecido de mim, continuou durante bastante tempo a clicar e a teclar com a rapidez que o caracteriza.

- Estou a terminar mais uma partida para o meu pai - informou-me, por fim, espreguiçando-se. - Ele vai-me pagar a vergonha por que me fez passar!

Referia-se, como explicou, ao facto de ter sido envolvido numa pequena aldrabice engendrada pelo Estultício na empresa dele, tentando fazer crer aos fiscais do Fundo Social Europeu que, na Tekno-Teknika, a formação em computadores era coisa banal.

Ora, se há coisa que me diverte, é ver o Grande Engenheiro (que se acha a pessoa mais inteligente do mundo) a fazer figura de parvo. Assim, esforcei-me por prestar a minha melhor atenção, pois decerto era algo nesse sentido o que se preparava...

Isto passava-se ao fim da tarde e, como estava na hora de o Estultício chegar a casa, não fiquei admirado quando ouvi, ao longe e lá em baixo, a porta da rua a abrir-se e depois a fechar-se. E, a breve trecho, o nosso homem (sabendo, pela sogra, da minha presença) subia a custo as íngremes e ragentes escadas para se juntar a nós.

Foi rápido nos cumprimentos pois, pelos vistos, sabia (ou julgava saber...) o que o Serapião estava a engendrar e o assunto interessava-o de sobremaneira. O nosso jovem virou-se então para mim, piscou-me o olho, e, rodando um pouco o monitor para eu ver melhor, desvendou a primeira parte do mistério:

- O meu pai acha que deve ser possível arranjar um endereço de "e-mail" para o Bobi. Eu estou a ver se é verdade e, pelas pesquisas que já fiz, palpita-me que ele tem razão!

Apesar de saber que se tratava de uma brincadeira ainda por explicar, fiquei perplexo! O Estultício, pessoa a quem tudo o que é digital faz confusão, queria ligar o animal à Internet?! E o Serapião, embora no gozo, propunha-se ajudá-lo?! Estaria tudo doido?!!

Mas resolvi ficar calado e esperar, pois era claro que seria uma questão de minutos até ficar a perceber tudo.

O Grande Engenheiro, sorrindo e puxando as calças ligeiramente para cima, já se repimpara a meu lado, num poeirento 486, e seguia atentamente os trabalhos do filho. E, virando-se para mim, comentou, à laia de explicação:

- Não são vocês que dizem que hoje em dia qualquer *gato-sapato* tem "e-mail"? Ora, se *um gato* pode ter, *um cão* também pode! Além disso, há a famosa frase que diz que «na Internet ninguém sabe que tu és um cão!».

Riu-se com gosto e voltou a debruçar-se sobre o monitor onde se sucediam algumas imagens.

- BINGO! Vêem como eu tinha razão? - gritou ele, de súbito, dando uma grande palmada nos joelhos, que acompanhou com uma homérica gargalhada.

Claro que tudo aquilo tinha sido preparado pelo Serapião, especialmente os fantasiosos "links" finais que, de clique em clique e por associação de ideias, conduziam (quer automaticamente quer activados pelo próprio Estultício), de *cão-salsicha* a *salsicha*; em seguida a *hotdog*, a *mail...* e por fim ao famoso *Hotmail!*

## 7 O Deslize

### I

Todos os anos, por alturas do Verão, tenho sempre o mesmo drama: como as crónicas que escrevo estão relacionadas com pessoas muito concretas, como hei-de fazer quando elas vão de férias?

Pois foi o que agora aconteceu com o Estultício, com o Serapião e com a restante família.

Felizmente, eu tenho muitos outros amigos com quem converso e troco correspondência e, uma vez por outra, lá aparece uma história interessante que, após a devida autorização, posso publicar.

É o caso, hoje, de uma incrível aventura que se passou com o Roque, um ex-colega da Escola Primária, que, embora nunca tendo singrado nos estudos, ganha hoje muito mais do que eu e, se calhar, até é mais útil à Sociedade.

Dou-lhe, portanto, a palavra (depois de corrigir a ortografia e fazer algum arranjo nas frases - o que foi feito a seu pedido):

### II

Antes de me criticarem, pensem bem no seguinte:

Já viram a multidão de pessoas que também ganha a vida com a desgraça do próximo?

Para já não falar da infinidade de médicos, enfermeiros, farmacêuticos, cangalheiros e de todas as indústrias associadas, temos ainda os canalizadores (que ficarão muito felizes se alguém tiver uma inundação em casa), os bate-chapas (que é difícil pôr a colaborar em campanhas de prevenção rodoviária) e por aí fora...

Pois eu, como proprietário de um reboque, sou também um *dependente* de acidentes. Por isso, desde que não haja mortos nem feridos... quantos mais carambolas, melhor.

Afinal são o meu ganha-pão, que não vai faltando pois os portugueses parece que aprenderam a guiar em jogos de computador e, na estrada, portam-se como se usassem o *joystick* em vez do volante.

Ora, um dia, estava eu muito sossegado quando tocou o telemóvel.

A chamada caiu várias vezes e só estabilizou bastante mais tarde (e até com muito bom som, como verão a seu tempo).

Quando eu perguntei onde era o acidente, respondeu-me uma voz muito pesarosa:

«Não sei...»

Bem... se o cliente não sabia, como é que eu havia de o poder ajudar?!

«E não pode perguntar a alguém? Não há pessoas ao pé de si para lhe dizerem onde é que está?!» - perguntei eu, cada vez mais espantado.

«Haver, há... Mas esta gente está toda com o mesmo problema que eu: sabemos onde é que o acidente *começou*, mas não sabemos onde é que vai *acabar*».

A conversa parecia de maluquinhos!

«Sim, é que o acidente ainda está a decorrer...» - esclareceu, por fim.

Mas nessa altura caiu a chamada.

Que diabo! Fiquei a matutar nessa conversa tão estranha, e lembrei-me de ligar a televisão e aceder à Internet para tentar saber o que se passaria. No entanto, e pouco depois, o telemóvel voltou a tocar:

«Você tem aí à mão o Código da Estrada? Qual é a multa por ir com excesso de velocidade na A1?»

Lá lhe disse.

«E por andar em marcha-atrás?»

Lá lhe respondi...

«E se forem as duas coisas?»

«Como assim?! Andar em marcha-atrás numa auto-estrada?!»

Pois... Andar com excesso de velocidade, na auto-estrada, e em marcha atrás. Quanto será a multa?»

Eu até já começava a achar graça à conversa do homem, mas a certa altura dei um salto na cadeira! Uma emissão em directo, filmada de helicóptero, ajudava-me a perceber o telefonema misterioso...

Talvez saibam que ali ao pé de \*\*\* há uma fábrica de rolamentos. Mas talvez não saibam que as esferinhas vêm de Espanha e ali só as metem nos aros.

E, em simultâneo na televisão e na Internet, estava a dar, em directo, o resultado de um camião TIR, com 20 milhões dessas bolinhas, se ter virado na A1. E lá se via o meu correspondente telefónico, bem na dianteira de um pelotão de carros (meus futuros clientes, previsivelmente!) a rodopiar e a deslizar...

«Hum...» - matutei - «Estão quase a chegar à portagem de Alverca... Talvez alguns passem, mas a maioria fica logo ali... O melhor é ir já para lá!».

E, deliciado, ainda comentei para mim mesmo:

«Mas, à mistura, vai haver muitos que vão ser multados por passarem na portagem sem pagar!»

E esperei mais um pouco, só para ver essa parte da *fita*...

«Acertei!» - berrou o nosso homem ao telefone ao mesmo tempo que dizia adeus para o helicóptero... «Passei! E logo na portagem certa! Sabe? É que eu tenho Vía Verde!»

Nota final:

A chamada voltou a cair. Pus o reboque em movimento, e fui andando para aqueles lados. O que não me iam faltar era clientes, mas o que me ligara tinha prioridade total. A certa altura, como eu esperava, ligou-me novamente. Desta vez - que maravilha! - ouvia-se em perfeitas condições!

«É natural que agora se oiça bem» - comentou ele «Estou aqui estampado, mas tive muita sorte, pois foi contra uma antena do meu operador!»

## 8

### Tudo por medida

Depois de um mês de merecidas férias, e perante a necessidade premente de arranjar assunto para a crónica mensal na revista, procurei encontrar-me com o Serapião.

Mas, afinal, foi com o Estultício que me deparei, e até nem foi na sua casa nem sequer no café do costume.

Cruzámo-nos no meio da rua, na Baixa, perto da casa dele e, para meu grande espanto, pareceu nem dar por mim!

Ainda ele vinha ao longe e já eu reparava que o homem estava muito atento, quase obcecado, a falar ao telemóvel. Mas, observando com atenção, notei que não era só isso, e que se passava mais qualquer coisa:

É que ele, de facto, vinha agarrado ao aparelho, trazia-o encostado ao ouvido (evidentemente), mas parecia só escutar e não falava!

E, de tão absorto que estava, passou por mim, quase me tocando, e nem me viu - ou, se tal aconteceu, nem me ligou!

Ao princípio, resolvi não dar atenção ao caso, mas a necessidade imperiosa de escrever a crónica mensal levou-me a retroceder, depois a segui-lo, aguardando que desligasse e que se proporcionasse uma oportunidade para podermos conversar um pouco.

No entanto, a cena que eu estava a presenciar parecia não ter fim:

Ele continuava a andar, a andar (sempre em silêncio), e, reparando melhor, notei que o fazia com um passo incerto: ora muito depressa, ora muito devagar... E, por vezes, até parava em frente a uma loja qualquer. Quando isso acontecia, ria-se à gargalhada e, uma das vezes, até entrou!

Parecia um maluquinho e algumas pessoas começavam até a olhar para ele com ar surpreso. Como a cena já se prolongava há muito tempo, era evidente que algo de muito estranho se passava.

Decidi-me, então, a intervir discretamente, aparecendo a seu lado como que por acaso, dando-lhe um pequeno toque no ombro ou no braço, obrigando-o a dar-me atenção e a esclarecer aquilo que já era um verdadeiro mistério.

E foi exactamente nessa altura que ele, dando um salto e soltando uma imprecisão de que não o julgava capaz, desligou abruptamente o telemóvel e o meteu no bolso, visivelmente furioso ou, pelo menos, muito incomodado com o que ouvira!

Alguma coisa o pusera nesse estado e eu tinha, então, uma boa oportunidade para intervir, quanto mais não fosse para tentar acalmá-lo.

E assim fiz.

Mas ele, em vez de se mostrar satisfeito por me ver, começou a vociferar:

- Eu é que tenho razão! Progresso, só o estritamente indispensável! Quando ultrapassa certos limites, é um disparate! Pode até ser uma desgraça!

Claro que lhe pedi para me explicar o motivo de tanta irritação, apesar de ser evidente que tinha a ver com a tal "conversa unidireccional" que ele mantivera.

O Estultício não se fez rogado, e vim então a saber que, pouco antes, tinha feito um *up-grade* do seu telemóvel movido a energia do sapato:

Agora, e no seguimento de uma intervenção do Serapião nesse sentido, o aparelho era "inteligente". Ou, pelo menos, era suposto ser:

Dotado de GPS (ou de qualquer outro dispositivo que ultrapassava a minha capacidade de compreensão tecnológica), o aparelho reagia ao ambiente!

Assim, quando o Estultício passou em frente da pastelaria onde costuma ir, o telemóvel avisou-o de que tinham acabado de chegar os bolinhos de baunilha de que tanto gosta; e ele lá os foi comprar. Ao passar junto da paragem do autocarro, o aparelho informou-o do tempo que teria de esperar até vir o da carreira habitual...

E assim por aí fora.

Apesar de ser o primeiro dia em que ele experimentava essa verdadeira maravilha, pensei logo em pedir-lho emprestado não me esquecendo de que, evidentemente, seria necessário solicitar ao Serapião que o personalizasse para os meus hábitos e gostos.

Ou, mais simplesmente, talvez até fosse possível fazê-lo com o meu velho aparelho.

Mas, antes de pensar nisso, urgia esclarecer o que é que tinha acontecido pouco antes, pois parecia evidente que o trabalho que o nosso jovem executara ainda não estava bem afinado.

- Talvez um *bug* qualquer se tenha infiltrado no programa... - aventei.

- Qual *bug* nem meio *bug*! - explodiu o nosso Engenheiro que, pelo vistos, até já sabia o que isso era - O meu rapaz não comete erros desses! O problema é que fez a coisa bem demais!

E, perante a evidência da minha incompreensão, voltou atrás (ao lugar onde o caso acontecera), ligou o aparelho, esperou um pouco, e deu-mo para a mão.

Pu-lo no ouvido:

«Senhor Engenheiro,» - dizia uma voz maviosa - «seja bem aparecido! No primeiro andar do prédio à sua esquerda está o seu amigo ALFA ALFAIATE onde o Senhor Engenheiro deve, há mais de um ano, a módica quantia de...»

## 9 Ora vamos lá ver...

De vez em quando o meu amigo Serapião inventa umas engenhocas muito úteis. Outras vezes, são apenas divertidas. Outras vezes ainda (como é o caso de hoje), podem ser ambas as coisas...

Numa das últimas tardes de intenso calor, estava eu a andar pela rua fora, sem destino certo (e a recordar, saudoso, as minhas férias no Algarve), quando reparei que estava a passar à porta da casa do Estultício e do meu novo amigo Serapião.

Quase instintivamente olhei para cima para ver se havia alguém à janela. Não havia. No entanto, como este mundo parece feito de coincidências, logo calhou aparecerem os dois, ao longe, vindo na minha direcção e a caminho de casa.

Prevendo que me iriam convidar para subir e talvez tomar qualquer coisa fresca, esperei por eles à porta do prédio.

Vinham ambos em grande galhofa. Para bem dizer, nem pareciam pai e filho, mas antes dois garotos traquinas que acabavam de pregar alguma partida ou - no mínimo - se preparavam para o fazer!

E foi no meio de muitas risadas que me convidaram a subir. Fiz questão de saber o que estava a acontecer mas explicaram-me que as duas coisas estavam relacionadas:

Eu que subisse, e lá em cima iria perceber o que se passava. Aceitei, evidentemente.

Agora imagine-se a minha cara quando, ao entrar na sala de estar, me deparei com um gigantesco alguidar cheio de água, mesmo no meio da divisão, e onde a D. Elisa (de saia arregaçada, descalça e com os pés lá dentro) chapinhava alegremente!

Claro que, ao princípio, ainda pensei que a senhora tivesse os pés doridos, mas a sua boa disposição fez-me antes desconfiar que a família toda enlouquecera!

Além do mais, houve uma coisa muito estranha: a boa senhora, sempre tão bem educada e tão simpática para mim, ignorou a presença da minha pessoa e nem sequer respondeu às minhas «boas-tardes»!

Porém, quando depois me aproximei, julguei perceber o que se passava - pelo menos em parte:

Ela estava com uns estranhos óculos escuros (que a deviam ter impedido de me ver) e com uns enormes auscultadores (que a deviam ter impedido de me ouvir).

Quer de uns quer de outros saíam uns longos fios que ligavam a um computador, num canto da sala. Estaria decerto a ouvir música pelos auscultadores. Mas... e os óculos?! Porque é que teriam fios?!

O Serapião e o pai também não a interromperam. Antes me fizeram sinal para estar calado, puxaram três cadeiras de descanso para junto do enorme alguidar, sentaram-se e convidaram-me a fazer o mesmo!

Depois descalçaram-se, e eu não tive de aguardar muito tempo até perceber que eles esperavam que eu os imitasse!

Embora sentindo-me um verdadeiro idiota, assim fiz...

Mais ou menos por essa altura apareceu o Bobi, o novo cão-salsicha lá de casa. E, dando ao rabo e sem esperar pelas minhas festas, pimba! Saltou para dentro de água, molhando tudo em redor!

Perante o meu ar atónito, o Serapião e o pai se esticaram-se um pouco e, de uma mesa que ali estava perto, tiraram dois conjuntos de óculos e de auscultadores semelhantes aos que a D. Elisa tinha posto.

Equiparam-se e recostaram-se, felizes e sorridentes!

Então e eu?! Qual seria o meu papel no meio daquilo tudo?!

Mas estava tudo previsto:

- Você não está esquecido, caro amigo - comentou o nosso jovem. - Estou só a ver se a material está em condições. Ponha lá isto e diga-me o que acha.

E foi assim que, em breve, me vi transportado (com vídeo tridimensional e som estereofónico) a uma praia das Caraíbas!

Os auscultadores transmitiam o marulhar das ondas e o piar de gaivotas... e os óculos deixavam ver, com toda a nitidez e em vista panorâmica, uma paradisíaca ilha deserta!

Mantendo os óculos postos, baixei os auscultadores para poder conversar e pedir ao Serapião (pois era evidente que fora ele o criador daquela maravilha digital) os esclarecimentos que se impunham.

Ele, sorrindo, comentou:

- Repare que, no lado direito da armação dos óculos, há um pequeno botão rotativo. Tem dez posições, correspondendo a outras tantas praias, desertas ou apinhadas de gente. Tudo digital e ao gosto do freguês. E tão verdadeiro quanto me foi possível fazê-lo a partir de ficheiros que obtive na Internet.

Estava eu sem saber o que dizer quando ele me segredou:

- Há-de ver que esses óculos (que são os meus) têm um *micro-switch*. Os da minha avó e do meu pai não têm. Trata-se de uma espécie de *up-grade*... É nele que está o segredo-da-abelha!

Apalpei com o dedo e confirmei.

- Para que serve? - perguntei, verdadeiramente curioso.

- Já vai ver. E, do lado esquerdo, tem aí um outro botão. É para focar, se for preciso.

Claro que não tardei a colocar de novo os auscultadores e a actuar o pinchavelho.

Mas confesso que esperava tudo menos ver uma velhinha, desdentada e em biquini, a sair sorrateiramente de trás de uma palmeira, sorrindo para mim e tratando-me pelo nome (ainda por cima sem conseguir controlar os perdigotos)!

Baixei de novo os auscultadores e olhei interrogativamente para o Serapião, preparando-me para ouvir a explicação que o nosso jovem decerto me daria.

- Ó sócio! Com franqueza! Ainda se fosse a Claudia Schiffer!...

Mas ele, piscando-me o olho, aproximou-se de mim e sussurrou-me:

- Calma, meu amigo! Isso ainda é só a versão beta!